

Eu que cair não pude neste engano... *encheram-me* com grandes abundanças o peito de desejos e esperanças (Camões).

Eu que falo aos olhos dos presentes, *não me é necessario* de-ter-me em tão sabido assumpto (Vieira).

O piloto que fez naufragio em um baixo, *o seu primeiro cuidado* he fugir muito longe d'elle (Vieira).

O furacão que devasta, *o raio* que fulmina, *não ha pinceis* nem cores que possam estampal-os na tela (Herculano).

A expressão vulgar *eu parece-me* que seguida de verbo na 2.^a ou 3.^a pessoa é um emprego de anacolutho.

TROPOS

Simile ou comparação é o conceito que por meio da palavra *como* se accrescenta a outro conceito afim de melhor caracterisal-o ou esclarecel-o:

O sacerdote tinha os cabellos brancos *como a neve*.

Veleiro brigue corre á flor dos mares *como roçam na vaga as andorinhas* (Castro Alves).

Deixando-se de empregar a palavra *como* e dizendo-se por exemplo *coroava-lhe a cabeça a neve da idade, o brigue era andorinha que roça a vaga*, virão as mesmas idéas expressas figuradamente, isto é, pela metaphora.

A **metaphora** consiste em pôr, em lugar da expressão habitual, ou do termo a crear para exprimir conceito novo, uma expressão tirada de outra esphera de idéas e que vem suggerida pela comparação.

Não têm valor para a estilística, embora lancem muita luz sobre o estudo da formação da linguagem, metaphoras já incorporadas nos usos do idioma e que serviram para dar nome a objectos, como *pés da mesa, braços da cadeira, cabeça de alfinete, dentes da serra, cauda da procissão, bico da penna, asas do moinho, folhas de papel, boca do estomago, etc.*

Importam, pelo contrario, ao estilo aquellas metaphoras que se usam, como imagens mais impressionantes, em vez das expressões habituaes. Dão mais viva idéa dos seres, dos attributos e das acções.

Ha metaphoras faltas de originalidade e muito antigas, mas nem por isso menos estimadas; taes são as que se tiram do dominio das sensações do paladar, tacto, vista, para exprimir os conceitos *agradavel, desagradavel, intenso, forte, fraco, etc.* Exemplos:

| | |
|------------------|-------------------------|
| doce sonho | coração duro (de pedra) |
| doce imagem | coração frio (de gelo) |
| doce nome | lagrimas ardentes |
| palavras asperas | sede ardente |
| palavras amargas | negra morte. |

O conceito « grande quantidade », « abundancia » pode-se enunciar pelas metaphoras *mar*, *monte*, *rio*, *chuva*, etc. Exemplos :

| | |
|-------------------------|-------------------|
| gastar rios de dinheiro | mar de esperanças |
| derramar rios de sangue | monte de livros |
| chuva de empenhos | mar de affectos. |

As cores dos labios e olhos de mulher formosa comparam-se a pedras preciosas, a cor branca iguala-se á neve :

| | |
|--------------------|----------------|
| olhos de safira | labios de rubi |
| olhos de esmeralda | pelle de neve. |

Sol pode significar « brilho semelhante ao do sol », e *estrella* a boa ou má fortuna. Exemplos :

| | |
|--------------------|-------------------|
| o sol da liberdade | estrella funesta. |
| ter boa estrella | |

Aos seres inanimados emprestam-se muitas vezes sensações e sentimentos humanos e acções proprias de entes animados :

| | |
|-----------------|-----------------|
| o vento geme | o tempo voa |
| a fonte murmura | os dias correm. |

Attribuindo-se a noções abstractas e a seres inanimados qualidades, acções e linguagem proprias da individualidade humana, a metaphora toma o nome particular de *personificação*:

Nem cora o livro de hombrear co'o sabre
Nem cora o sabre de chamal-o irmão.

(C. Alves).

Não é de bom gosto o falar ou escrever continuadamente por metaphoras ; e, se são antigas e muito sovadas,

só mostrarão a penuria de talento. Agradam antes as imagens quando com alguma avareza vem esparsas pela linguagem chã e natural.

Têm mais cabimento em poesia do que em prosa; mais nas obras de ficção do que nas de sciencia. A mathematica, a physica, a chimica e outras sciencias requerem, alem da terminologia convencional, exposição simples e desataviada.

Nem todos possuem o dom de crear imagens novas e felizes. A metaphora boa impõe-se á imaginação do ouvinte, poupa-lhe esforço intellectual; a metaphora má produz effeito contrario.

Como se trata da semelhança achada entre duas cousas, é necessario que o termo de comparação não pareça vir forçado, ou tomado de muito longe, mas que seja bem sensível e que a metaphora, como «uma idéa feliz», surprehenda pela naturalidade e facilidade com que foi concebida.

A **metonymia** troca os nomes das cousas, substituindo os conceitos proprios por outros correlatos.

Nomeia o tempo ou o lugar em vez dos seres comprehendidos nesse lugar ou tempo (*o paiz em vez de os habitantes do paiz, a posteridade por os homens da posteridade*), a causa pelo effeito, ou o productor pelo objecto produzido (*um Murillo por um quadro de Murillo*), a materia em lugar do objecto feito dessa materia (*o ferro em vez de a espada*), o signal em vez daquillo que tem o signal (*a coroa em vez de o monarcha*), o abstracto pelo concreto (*a virtude vence em lugar de os virtuosos vencem*), a parte pelo todo (*tecto hospitaleiro em vez de casa, quilha por navio*), etc.

OBSERVAÇÃO. — Alguns casos de metonymia são tambem conhecidos pelo nome especial de **synecdoche**. Tal distincção não tem importancia.

Hyperbole é o mesmo que exagero. Escolhe uma expressão mais forte afim de dar ao que é grande ou intenso um aspecto muito maior ou mais intenso, e ao que é pequeno um aspecto muito menor. Tem pontos de con-

tacto com a metonymia e combina-se bem com a metaphora.
Exemplos:

Vês o argueiro no olho de teu irmão, e não vês a trave no teu olho (Evang. de S. Matheus).

> Colo que a neve escurecia (Camões).

Euphemismo é o emprego de expressões adequadas a attenuar ou evitar a impressão desagradavel que se produziria dizendo as cousas pelos seus verdadeiros nomes.

A **ironia** diz o contrario daquillo que se pensa, como quando se chama genio ao individuo estupido, e heroe ao covarde.

Paradoxo consiste em terminar um pensamento com o contrario daquillo que fazia esperar o começo.

Antithese ou **contraste** expõe conceitos ou pensamentos oppositos, quer associando-os quer fazendo o confronto:

Buscas a vida, eu a morte.

Buscas a terra, cu os ceus (G. Dias).

Depois é que surgiu o homem e a podridão, a arvore e o verme, a bonina e o emmurchecer (Herculano).

VICIOS DE LINGUAGEM

Barbarismo é o emprego erroneo de palavras, podendo o erro consistir na pronuncia, na forma ou na significação.

Commette barbarismo quem pronuncia *póssamos*, *façamos* por *possâmos*, *façâmos*; *sastisfeito* por *satisfeito*; *tu hades* por *tu has de*; quem diz *irmões*, *allemões*, por *irmãos*, *allemães*; *tu vistas*, *tu fizesteis* por *tu viste*, *tu fizeste*; quem emprega *escrevido*, *fazido*, *cubrido* por *escripto*, *feito*, *cuberto*; *dêsapercebido* por *despercebido*, etc.

Solecismo é o erro de syntaxe.

Ha solecismos em frases como as seguintes: *eu lhe vi hontem* por *eu o* [ou *a*] *vi hontem*; *recebi uma carta cuja trazia dinheiro* por *que trazia dinheiro*; *não fizeti mal aos animaes* por *não façais mal*, etc.

Vulgarismo é a expressão usada pelo povo, mas cuja legitimidade os doutos discutem, sendo repellida geralmente na boa linguagem escripta.

São vulgarismos os dizeres *houveram dias de calor* por *houve dias de calor*, *aluga-se moveis* por *alugam-se moveis*, etc.

Provincialismo é a expressão cujo emprego se circumscreve a certa provincia ou região d'um mesmo paiz.

Cacophonia ou **cacophaton** é o encontro de syllabas em que a malicia descobre um novo termo com sentido torpe ou ridiculo.

Repara-se hoje, com certo exagero, na cacophonia resultante da junção da syllaba terminal de um vocabulo com a palavra ou parte da palavra immediata.

Não se liga entretanto a menor importancia á cacophonia quando esta se acha dentro de um mesmo vocabulo,

sendo formada por algumas das suas syllabas componentes. O mal aqui é irremediavel, pois que taes expressões não se dispensam, nem se substituem.

Muitas vezes parece a cacophonia menos ridicula do que a vontade de perceber-a.

Um dos exemplos de cacophonia mais conhecidos e citados é o seguinte começo de um soneto camoneano:

Alma minha gentil que te partiste (Camões).

O estudante evite, sempre que puder, semelhantes combinações de palavras, assim como quaesquer outras de onde possam nascer uns longes de cacophonia, e não se preocupe com descobri-los nos outros.

Echo consiste em repetir-se frequentemente, e com pequenos intervallos, o mesmo vocabulo, ou a respectiva vogal tónica em vocabulos diferentes:

Pedro ficou quedo com medo do arvoredo.
O xará foi a Sabará e trouxe de lá o alvará.

É de notar que nem sempre é possível deixar de repetir uma ou duas vezes a syllaba formadora do echo; nem devemos considerar viciosas quaesquer proposições como: *tenho o maior empenho em vel-o formado; doe-me o pé quando ando.*

Preciosismo consiste em contrariar o uso geral e a tradição, quer substituindo expressões correntes por outras novas ou desusadas, quer reduzindo a variedade de expressões a typos unicos, tudo por obedecer a canones imaginarios e a suppostos principios inflexiveis de logica.

Está neste caso a substituição de *proposital*, *propositalmente*, termos vulgares mas não documentados em escriptor classico, por *propositado*, *propositadamente*, que nem occorrem nos classicos nem são conhecidos do povo. É duplo preciosismo, porque a emenda esquece *de proposito*, dicção antiga, correcta e corrente ainda hoje.

Outro preciosismo é a condemnação de *cumprir com* e o consequente emprego systematico do verbo sem preposição por imaginar-se que *cumprir com* (a obrigação, o dever, etc.) não teria a chancellia de autor de nota,

quando, pelo contrario, é difficil descobrir na literatura, desde João de Barros até Herculano, quem não se utilisasse desta linguagem a par do simples *cumprir*, offerecendo a maior parte dos escriptores exemplos em abundancia.

Ao contrario do barbarismo e do solecismo, que brotam espontaneos na classe dos indoutos, nasce o emprego do preciosismo do estudo meditado, porém falso, de individuos de melhor preparo.

São preciosismos as expressões antigas, que se buscam revalidar, e que hoje são esquecidas, inintelligiveis e de todo superfluas, como *defendo que não se faça por prohibo que se faça, mudou-se asinha o tempo por mudou-se depressa o tempo; o réu foi absolto pelo jury em lugar de o réu foi absolvido; leixai-me ver por deixai-me ver*, etc.

Tambem não passam de meros preciosismos certos vocabulos compostos, semelhantes á formação em grego, mas contrarios á indole das linguas romanicas, que alguns escriptores tentaram crear. Taes são os qualificativos nestes exemplos: *tambor echo-batente* (Filinto); *lingua oco-ribomba* (Filinto); *trovão flammi-spirante* (Filinto); *velocipede Achilles* (Odorico Mendes); *rubi-plumea corda* (A. Castilho); *vacca albistellada* (A. Castilho), etc.

Archaismo é o emprego de expressões antigas que cahiram em desuso. Se o escriptor se utiliza da linguagem antiquada de proposito e com insistencia, o archaismo toma o character de preciosismo, como ha pouco mostrámos.

Neologismo é o contrario do archaismo, é a expressão ou palavra nova, quer formada com os recursos proprios do idioma, quer tirada de idioma estrangeiro.

O neologismo indigena produz-se em geral por analogia de outros vocabulos segundo os processos de derivação e composição.

É extremamente difficil crear palavra sem fundal-a em elementos ou processos preexistentes.

Ao neologismo tomado de outra lingua dá-se o nome de **estrangeirismo**, o qual, segundo a procedencia, tem

a denominação particular de hispanismo, italianismo, anglicismo, germanismo, gallicismo, latinismo, grecismo, hebraismo, etc.

O emprego de termos novos, completamente desconhecidos do passado, é de necessidade absoluta para dar nome ás invenções e descobertas modernas, aos usos e costumes proprios do nosso tempo, bem como para expressar os conceitos novos que se crearam nos diversos campos dos conhecimentos humanos e nas instituições politicas, sociaes e economicas.

Muitos dos neologismos importados são expressões internacionaes empregadas com o mesmo sentido em outros idiomas e tendo apenas as modificações de pronuncia e terminação reclamadas pela indole da respectiva lingua: *telegrapho, photographia, radiogramma, telephone, sociologia, biologia, linguistica, legitimismo, morphinismo, tungsteno, wolfram, aeroplano, revolver, torpedeira, jury, club, altruismo*, etc.

A adopção de estrangeirismos fez-se em todas as epocas, sempre que no vocabulario da lingua não se encontrava termo perfeitamente adequado ao conceito novo. Assim o portuguez antigo adoptou grande numero de vocabulos arabes, e os escriptores quinhentistas se utilisaram de muitas denominações asiaticas e brasilicas. Incorporaram-se no idioma tambem estrangeirismos de outra procedencia.

De dous seculos a esta parte é a lingua franceza a principal fonte de onde recebemos vocabulos estranhos. O contacto mais intimo com a literatura e cultura francezas faz com que venham gallicismos penetrando na lingua em que nos exprimimos. Os puristas reagem contra essa corrente.

Conseguiram implantar-se em portuguez, por influencia do francez, *jornal* (diario), *população*, *progredir*, *rotina*, *bello sexo*, *reacção*, *reaccionario* e bem assim *reagir* e *agir*, posto que a alguns escriptores repugne empregar este ultimo verbo. Deve-se ao francez o enriquecimento do vocabulario com innumerados termos em *-ismo*, *-ista*, *-isar*, desconhecidos do nosso idioma de outrora.

A par das expressões uteis occorrem todavia termos

cujo emprego é decididamente condemnavel. Dá-se este caso quando existem e estão em voga expressões portuguezas que dizem exactamente a mesma cousa. Taes são *affiche* por *annuncio*, *adresse* por *endereço*, *chefe de obra* por *obra prima*, *distingué* por *distinto*, *rendez-vous* por *entrevista*, *ponto de reunião*.

Injustamente se taxam de gallicismos certas expressões portuguezas simplesmente por coincidirem com locuções similares da lingua franceza. *Toda uma perna*, *todo um dia* é linguagem quinhentista. *Todo o mundo*, falando de pessoas, é hyperbole antiquissima empregada tanto pelos lusitanos como por outras nações.

Anomalias de linguagem

Idiotismo ou expressão idiomática é toda a dicção que não se analysa, ou está em conflicto com os principios geraes da grammatica, sendo porém geralmente adoptada na boa linguagem.

Exemplo de idiotismo temos na locução *é que* usada em *nós é que iremos*; *eu é que fico*, etc., no emprego da preposição *de* em *o pobre do menino*, *a boa da velha*, etc.

Tambem é idiotismo o infinitivo pessoal, pois que, segundo os principios geraes da grammatica, nenhuma das formas infinitas deveria tomar desinencia pessoal.

Não devemos definir o idiotismo, segundo alguns grammaticos, como construcção particular de *uma* lingua, estranha portanto ás outras linguas, porque ninguem conhece todos os outros idiomas em todos os seus segredos e modos especiaes de falar.

PONTUAÇÃO

Pontuação é o emprego de certos signaes graphicos que se collocam entre orações e partes de oração para indicar pausas de diversas especies, ou para denotar mudança de tonalidade, ou simplesmente para chamar a attenção.

OBSERVAÇÃO. — Entendem alguns grammaticos que o conceito de pontuação deve abranger tambem o emprego das notações orthographicas, accento, til, traço d'união, apostrophos, de que tratamos em outra parte deste compendio.

São os seguintes os signaes de pontuação: a virgula (,), o ponto e virgula (;), os dous pontos (:), o ponto final (.), o ponto de interrogação (?), o ponto de exclamação ou admiração (!), os parentheses (arqueados ()), ou em forma de colchetes []), as reticencias (...), as aspas (« »), o asterisco (*) o travessão (—) e o paragrapho (§).

Virgula

A **virgula** indica a pausa mais fraca, devendo-se, comtudo, observar que nem todas as pausas fracas se marcam na escripta. Casos em que se emprega a virgula:

1.º Para separar os termos coordenados que se mencionam seguidamente sem auxilio de conjunção:

O cajú, a manga, a fruta de conde, a laranja e o abio são frutas apreciadas.

Nós estudaremos portuguez, francez, inglez, arithmetica, geographia e historia.

Pede clarão ao sol, perfume ás flores, ás brisas suspirar, murmurio aos ventos.

Um grito agudo, estridente, de suprema agonia restrugiu debaixo das patas do bruto irritado.

Ouve-se o rir alegre, o altercar, o tinir argentino das taças.

2.º Para mostrar que é preciso descançar a voz, põe-se a virgula antes da conjunção e

a) quando expressamente se repete a particula ^(e) em frases enumerativas:

Ouvireis o ramram da guitarra, e o cantar ao desafio, e o bradar dos leilões de cargos (Herculano).

O seu culto é ruidoso, e risonho, e brilhante, e attractivo, e sociavel.

b) quando qualquer das orações coordenada ou coordenante é um tanto longa:

Elle fazia retirar todos, e ficava encerrado horas e horas com este homem.

O fakir não se moveu, e poz-se a olhar tambem fito para elle. Então reconhecereis a vaidade das vossas doutrinas, e morder-vos-eis, e damnar-vos-eis.

A triste mãe volve para lá os olhos embaciados da idade e das lagrimas, e sente que não se acha inteiramente abandonada.

c) quando a oração coordenada tem sujeito diverso do da coordenante:

As offertas dos doentes escasseavam nos templos pagãos, e os sacerdotes do Esculapio começavam a morrer literalmente de fome.

A tempestade da sua alma asserena-se, e a dor mitiga-se.

OBSERVAÇÃO. — Não se emprega a virgula antes de e quando, em uma serie de termos coordenados, se enuncia esta particula apenas antes do ultimo vocabulo: *A mesa, o banco e a cadeira — Homem pobre, miseravel e desprezado.*

3.º Para indicar a pausa fraca antes de conjunção adversativa:

A guarda morre, mas não se rende.

As suas doutrinas eram prégadas com a palavra, mas ainda mais com o exemplo.

Quiz falar, mas não pode.

4.º Antes da particula ou, denotando alternativa ou rectificação do pensamento, desde que haja notavel des-

canço de voz. Marca-se a pausa igualmente no fim da expressão rectificadora :

Cahirei do throno, ou tu subirás a elle.

O que o tornava geralmente respeitado, ou antes temido, era o dom de profecia.

OBSERVAÇÃO. — Quando se usa entre dous termos a particula *ou* para significar equivalencia, prescinde-se geralmente da pontuação: *Chegaram os cavalleiros do Moghreb ou Mauretania — A sua algarrabia ou tunica era de lã grosseiramente tecida.*

5.º Para separar a oração adjectiva que tem função meramente explicativa :

A peroba, que é madeira resistente, foi empregada na construcção deste predio.

Conferiu-se o premio a Laurindo, cuja applicação foi sempre maior que a dos outros alumnos.

6.º Para marcar a pausa no fim da oração adjectiva restrictiva, quando esta é constituida por dizeres muito longos :

As familias que se estabeleceram naquellas encostas meridionaes das longas serranias chamadas pelos antigos Montes Marianos, conservaram por mais tempo os habitos erradios dos povos pastores.

7.º Para separar a subordinada adverbial, explicita ou implicita, que vier intercalada na oração subordinante :

Teu irmão é, como todos sabem, o melhor alumno do collegio. Servirei, sempre que puder, a meus amigos.

Elle, sem dizer palavra, retirou-se da casa.

Eu, para não o magoar, deixei de referir-lhe a tremenda desgraça.

Os infieis, attribuindo ao temor a fuga simulada dos christãos, precipitaram-se apoz elles.

O cavalleiro do escabello, firmados os cotovellos sobre os joelhos e com a cabeça entre os punhos, escutara todo o dialogo.

8.º Para mostrar que se interrompe o seguimento na-

tural das idéas e se intercala uma expressão adverbial ou uma reflexão secundaria:

Vê-se ainda, atravez das telas mal unidas de uma tenda mais vasta, reverberar vivo clarão.

E' esta, a meu ver, a verdadeira doutrina.

Vinde, ao menos hoje, ouvir o eloquente orador.

Já ficava sabendo ou, para melhor dizer, ignorando as razões do poderoso prelado.

Eram composições de illúres cavalleiros e, até, de monarchas.

OBSERVAÇÃO. — Segundo a pontuação observada nas obras de A. Herculano e outros, separam-se por virgulas as palavras *porém, contudo, todavia, pois, talvez, enfim*, quando se acham pospostas: *Havia, porém, uma circumstancia que precedera isso tudo. — Não eram, todavia, estes os melhores servidores d'el-rei. — Estavam, pois, rotos todos os laços de amizade. — Iriam, talvez, soccorrel-o.*

9.º Para separar a oração subordinada adverbial, quer explicita, quer implicita, quando vem enunciada antes da principal:

Se não me engano, achas a petição fundada.

Logo que chegaram, procuraram-me.

Terminado o espectaculo, dirigi-me para casa.

Ditas estas palavras, o cavalleiro negro cravou as esporas no ventre do ginete.

Depois de melhorar, entregou-se a novos excessos.

Chegando ao porto, não pudemos desembarcar.

OBSERVAÇÃO. — Se se enunciar a oração principal em primeiro lugar, e esta tiver certa extensão, faz-se a separação por meio da virgula. Emprega-se tambem a virgula se a principal vier seguida de oração implicita gerundial ou participial. Fora destes casos, é em geral dispensavel a pontuação.

10.º Para separar ou intercalar vocativo:

Vem, meu amigo, vem auxiliar-me nesta empresa.

Ide por esse caminho, miseraveis.

Cavalleiros, permitti que vos acompanhe.

11.º Para separar ou intercalar termos appostos:

Carlos Gomes, autor da opera Guarany, é uma das nossas glorias nacionaes.

Morreu no combate o valente marinheiro, salvador de tantas vidas.

12.º Para separar, ao dâtar-se um escripto, o nome do lugar:

S. Paulo, 2 de agosto de 1922.

Ponto e virgula

O **ponto e virgula** representa uma pausa mais forte que aquella que se marca por simples virgula.

Esta pausa mais forte occorre:

1.º entre oração principal e coordenada, quando constam ambas, ou sómente uma, de dizeres um tanto longos:

Dizem que nós os escriptores somos todos assim; e é verdade. Buscavam desfazer-me o encanto; mas ficava-me a saudade. Duro de crer me parece; mas por outro lado trata-se da fortuna de um honrado mercador.

Morrerá; que antes de ser pai fui califa.

Morrerá; mas hão de acompanhal-o todos os que o precipitaram no abismo.

Venho annunciar-te o mal; porque só mal ha na terra para o homem que vive como tu.

2.º entre oração principal e coordenada, quando qualquer destas proposições abrange termos separados por pausa mais fraca marcada por virgula:

O papel de uma grande parte das mais nobres familias na questão d'independencia não fora por certo, como o leitor sabe, nem o do patriotismo, nem o da lealdade; e os calculos interesseiros, as ligações da linhagem tinham tomado o passo, entre essas familias, a todas as outras considerações.

3.º entre os termos que se costumam separar por virgula, mas que reclamam pausa mais forte por encerrarem outros termos secundarios longos ou separados por virgula:

Doloroso espectaculo era o dessa mulher desfallecida e desse erecto e alto vulto monastico, cujo rosto, firmado entre o

pollegar e o indice da mão esquerda, se inclinava para a terra; cujos olhos cavos e scintillantes se cravavam naquellas faces pallidas; cujos dedos emfim, inquiriam, com mentida placidez, nas pulsações do coração da desgraçada os vestigios da vida.

E' preciso que te alevantes d'ahi, que me adornes esses cabellos com aquellas rosas que alli puz sobre o bufete; que esses olhos tão lindos se enxuguem e sorriam; que vistas aquelles trajos modestos.

Imagem que absorveste esta existencia inteira; anjo que me fazes surgir do meu inferno para o teu céu, tu foste que me salvaste a mim.

Dous pontos

Os dous pontos usam-se:

1.º depois de verbo que signifique «dizer», «responder», «perguntar», ou de expressão de sentido analogo, para mostrar que vamos referir palavras textuaes ou exactamente conformes á enunciação do declarante:

A Escriptura Sagrada diz: Honrarás a teu pai e a tua mãe.
O camarada me perguntou: Posso contar com teu auxilio?
Foi esta a minha resposta (ou eu respondi): Como sempre.

2.º para mostrar que em seguida a uma asserção e a titulo de esclarecimento, vem a enumeração, a definição, a exemplificação, etc.:

Duas cousas te perturbam a vida: o jogo e a bebida.

Meu compendio define as parallelas: duas linhas que nunca se encontram, por mais que se prolonguem num ou noutro sentido.

Ha varias especies de instrumentos cortantes: faca, machado, fouce, canivete, espada, etc.

OBSERVAÇÃO. — Antigamente dava-se aos dous pontos applicação mais lata. Ainda nas obras de Herculano vemos os empregados frequentemente; mas na maioria desses casos preferimos hoje collocar ou ponto e virgula ou ponto final.

Ponto final

O **ponto final** serve para terminar as proposições declarativas, simples ou compostas, de sentido completo. E' signal muito usado no estilo moderno, em que se dá preferencia ás frases curtas, collocando por vezes o ponto final onde escriptores de outrora empregariam ponto e virgula.

O ponto final pode tambem achar-se antes de conjunção copulativa ou adversativa, desde que a respectiva oração exprima algum pensamento novo apoz uma pausa forte determinada pelo sentido da oração ou orações precedentes:

E' então que elle collige as suas recordações; une, parte, transmuda as imagens das existencias que viu passar ante si e estampa nas sombras que o rodeiam um universo, transitório, mas para elle real. E é bello esse mundo de phantasmas aereos, por entre cujos labios descorados não transpiram nem perjurio nem dobrez... (Herculano).

O pobre velho entretinha-se a ouvir aquelle medonho chover; porque a noite era comprida, e elle não tinha que fazer mais nada. Mas como o terreiro ante a sua gaiola de feras era rodeado de muros, a chuva não podia escoar-se toda (ib.).

Ponto de interrogação

O **ponto de interrogação** é o signal que se colloca no fim de toda a oração enunciada em tom de pergunta:

A que horas chega o trem?

Choverá hoje?

Quem se serviu da minha caneta?

Ponto de exclamação

O **ponto de exclamação** é o signal que se colloca no fim de oração proferida em tom de espanto, exclamação, surpresa, etc.:

Como é lindo este quadro!
 Prouvera a Deus que assim fosse!
 Que noite medonha!
 Quanta miseria não vai por este mundo!

OBSERVAÇÃO. — Empregam-se ás vezes combinados os dous signaes, exclamativo e interrogativo, para denotar ao mesmo tempo a surpresa e a pergunta. Ex.: *Eu entregar-me?! Nunca!* — *Tu, Hermeingarda, recordares-te?!* (Herculano).

Aspas

As **aspas** usam-se no principio e no fim das citações, para distinguil-as da parte restante do discurso:

Ao brado «Christo e avante!» todos obedeceram.

Com o emprego de aspas tambem podemos fazer sobresahir, em meio do discurso, dizeres para os quaes queremos chamar a attenção do leitor. Ex.:

A palavra «mandar» nem sempre significa o mesmo que «enviar».

OBSERVAÇÃO. — Frequentemente sublinhamos, na escripta, as citações e os dizeres para os quaes queremos chamar a attenção. Neste caso dispensamos as aspas. Nas obras impressas corresponde ao sublinhado o typo differente, como o grypho, o cicero, etc.

Pontos de reticencia

Pontos de reticencia denotam interrupção do pensamento ou hesitação em exprimil-o:

Servem tambem, nas citações de textos, para indicar que se omittiram certos dizeres sem importancia para o intuito da citação. Ex.:

Elle auxiliar-te?... Não esperes tal cousa.
 As armas e os barões assinalados... cantando espalharei por toda parte.

Parentheses

Parentheses são dous signaes arqueados, ou angulares, de abertura opposta, entre os quaes se collocam dizeres meramente explicativos com que ás vezes se interrompe o discurso. Tambem se costuma pôr entre parentheses, no fim de uma citação, a indicação da obra ou autor de onde o trecho foi extrahido.

Os parentheses usuaes são os arqueados. Os de forma angular, ou colchetes reservam-se para casos especiaes, por exemplo em obras scientificas quando o autor quer intercalar uma observação propria em meio da transcrição de opinião alheia.

Exemplos de emprego de parentheses arqueados:

Quando eu era capellão de S. Francisco de Paula (contava um padre velho) aconteceu-me uma aventura extraordinaria (Machado de Assis, Varias Historias).

Não tendo partido, nem opiniões, nem parentes proximos, nem interesses (todos os seus haveres estavam na Europa), mal se explica a resolução subita de Evaristo pela simples curiosidade, e comtudo, não houve outro motivo (ib.).

Asterisco

O **asterisco** representa-se pelo signal * collocado no alto e adiante de um vocabulo. Usa-se entre parentheses ou — o que é mais commum — acompanhado sómente da segunda curva de parentheses. Tem por fim chamar a attenção para uma nota precedida igualmente de asterisco posta no fundo da pagina.

Para segunda, terceira nota da mesma pagina usa-se asterisco duplo, triplo.

Os asteriscos podem ser substituidos por algarismos ou letras do alphabeto.

Travessão

Travessão é um traço de certa extensão com que se indica desvio de pensamento ou, em paragrapho differente, a mudança de interlocutor.

Paragrapho

Dá-se o nome de **paragrapho** á continuação do discurso, depois de ponto ou dous pontos, na linha seguinte.

Ha um signal especial denotador de paragrapho, que é §. É de uso raro, salvo nos artigos de lei onde serve para discriminar casos particulares.
